

diálogos com a

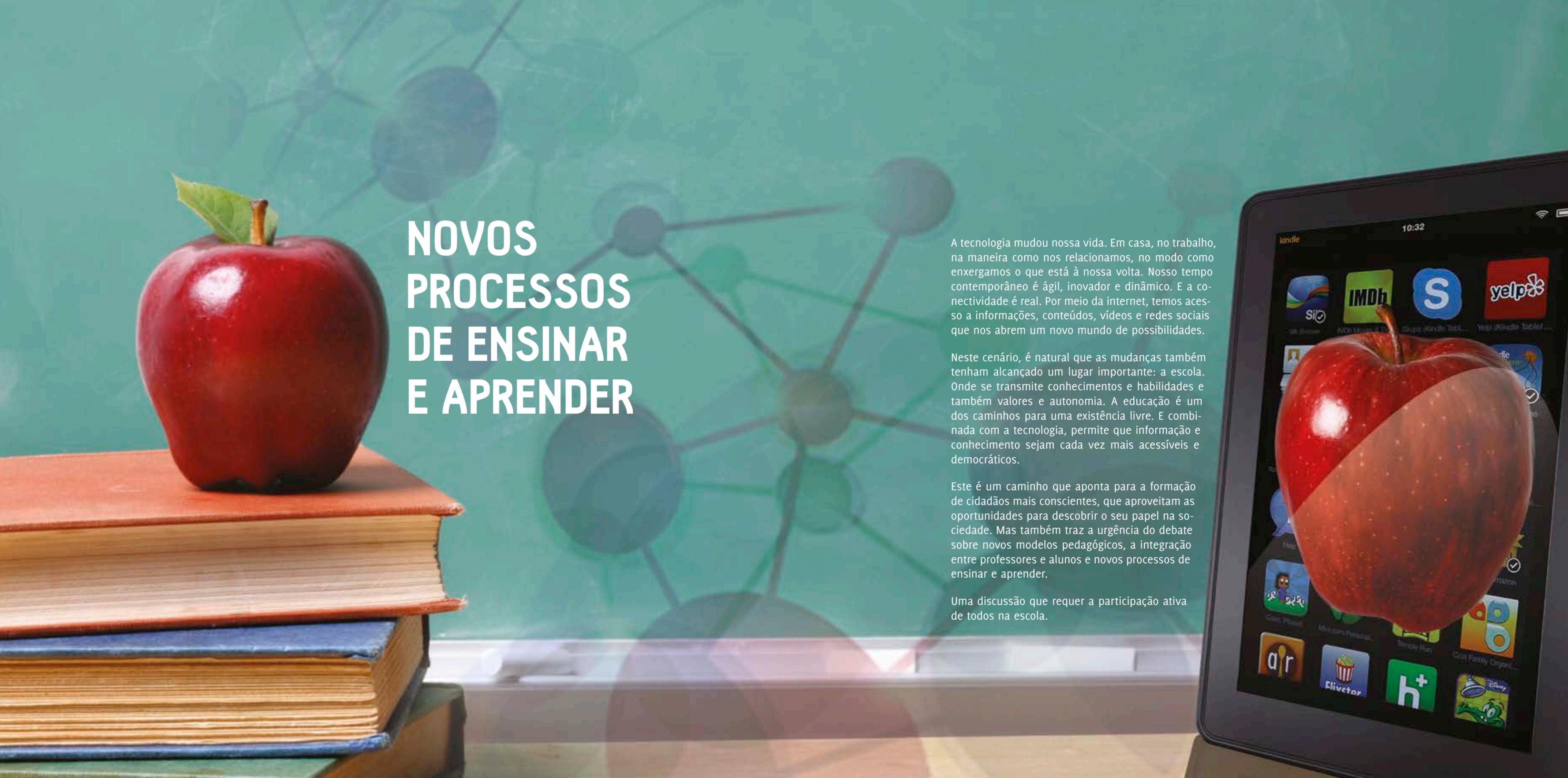
GERAÇÃO Z

Ano 6 | #03 | 2015

educação e
democratização
do conhecimento
na web

Fronteiras
EDUCAÇÃO



A red apple sits on a stack of books on the left. On the right, a tablet displays various app icons like IMDb, Skype, and Yelp. The background is a teal wall with a faint network diagram.

NOVOS PROCESSOS DE ENSINAR E APRENDER

A tecnologia mudou nossa vida. Em casa, no trabalho, na maneira como nos relacionamos, no modo como enxergamos o que está à nossa volta. Nosso tempo contemporâneo é ágil, inovador e dinâmico. E a conectividade é real. Por meio da internet, temos acesso a informações, conteúdos, vídeos e redes sociais que nos abrem um novo mundo de possibilidades.

Neste cenário, é natural que as mudanças também tenham alcançado um lugar importante: a escola. Onde se transmite conhecimentos e habilidades e também valores e autonomia. A educação é um dos caminhos para uma existência livre. E combinada com a tecnologia, permite que informação e conhecimento sejam cada vez mais acessíveis e democráticos.

Este é um caminho que aponta para a formação de cidadãos mais conscientes, que aproveitam as oportunidades para descobrir o seu papel na sociedade. Mas também traz a urgência do debate sobre novos modelos pedagógicos, a integração entre professores e alunos e novos processos de ensinar e aprender.

Uma discussão que requer a participação ativa de todos na escola.

ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

“Como é bela a humanidade! Oh, admirável mundo novo, que encerra criaturas tais!”

Pelas mãos dos seres humanos, o mundo passa por diversas mudanças. Os versos escritos por [William Shakespeare](#), em sua obra *A tempestade*, parecem nunca estar desatualizados, pois, muitas vezes, algo de novo surge e nos causa espanto. Mas nem sempre há beleza na evolução humana. Tanto que outros artistas se apropriaram dos versos de Shakespeare de modo irônico, ressaltando questões e problemas da natureza humana, como a visão de um futuro controlado e condicionado que Aldous Huxley delineou em sua obra e atualizado pela cantora Pitty, em *Admirável Chip Novo*.

A cada novidade, seja ela inédita ou uma reinvenção de algo já existente, são transformadas as formas de ver, compreender e se relacionar com o mundo. Em seu livro, *Admirável mundo novo*, publicado em 1932, Huxley previu a nova relação com o tempo que viria a ocorrer no futuro: a impaciência frente a uma espera de três ou cinco minutos. Em sua época, tal situação seria demasiadamente improvável, todavia, em nossa era digital, uma simples demora no envio de uma mensagem ou uma atualização da página de um navegador, muitas vezes inferior a um minuto, já pode fazer pessoas bufarem e baterem os pés.

O tempo de surgimento de novidades está se tornando mais veloz. As primeiras ideias científicas acerca da eletricidade datam do século XVII, e a manipulação da energia elétrica é realizada dois séculos depois, no início do século XX, no qual são criadas as primeiras máquinas complexas, entre elas os ancestrais dos computadores. Durante esse último século emergem os computadores e, antes do seu término, tais máquinas alcançam os lares e as escolas, se tornando uma realidade cada vez mais acessível. No nosso recém-nascido século XXI, assistimos à criação de máquinas cada vez mais sofisticadas e menores. Os computadores gigantes de apenas meio século atrás não seriam capazes de fazer o mesmo que um *smartphone*.

Oh, admirável mundo novo!

#William Shakespeare

(1564-1616)

O mais famoso e influente escritor inglês, foi poeta, dramaturgo e ator durante o período elisabetano.

#Pierre Lévy

(1956)

Filósofo francês especializado na cultura virtual contemporânea.

#Aldous Huxley

(1894-1963)

Escritor inglês. Sua obra-prima, *Admirável mundo novo*, foi escrita em 1931 e reflete a preocupação do autor com a liberdade individual em detrimento do autoritarismo do Estado.

#Isaac Asimov

(1919-1992)

Escritor e bioquímico norte-americano, nascido na Rússia. Destacado por sua atuação na divulgação científica e na ficção científica.

Pensadores como [Pierre Lévy](#) vislumbravam, no início dos anos 1990, um ambiente no qual imagem, texto e som pudessem existir integrados, com uma tecnologia capaz de fazer conexões e interações. Algumas mentes prodigiosas como a do escritor [Isaac Asimov](#) já haviam proposto cenários futuristas nos quais tais feitos seriam possíveis.

Eram muitos que projetavam imagens de um futuro e tantos outros que trabalhavam para torná-las realidade. Foi então, naquela mesma década de 1990, que os telefones celulares se popularizaram e chamadas sem fio se tornaram um recurso amplamente difundido. Também foi nesse período que a internet chegou aos lares por meio da linha telefônica. Uma realidade que existira apenas no campo da especulação e da ficção científica começava a dar seus primeiros passos.

O novo século emergiu ligeiro. A velocidade de acesso e transmissão de dados foi rapidamente se aperfeiçoando. A chamada “internet discada” (via linha telefônica) foi substituída por meios mais eficientes, como a transmissão via fibra óptica. A produção e a veiculação de informação foram crescentemente deixando de ser centralizadas, uma vez que as ferramentas e os canais de divulgação foram disponibilizados a quaisquer usuários e não apenas a empresas. Em 2001, foi lançada a Wikipédia e, em 2005, o YouTube. As redes sociais digitais ganharam força e surgiram comunidades como o Orkut e o Facebook, ambos criados em 2004.

O cenário futurista está se tornando cada vez mais concreto, e todos aqueles que nasceram no novo milênio têm como presente uma realidade repleta de invenções, conexões, sons e imagens. A manipulação de aparelhos digitais com tecnologia de *touchscreen* (toque na tela) é algo intuitivo até para as crianças pequenas.

Um novo mundo que rapidamente se emaranha a elementos tradicionais, ancestrais e até arcaicos de nossa cultura. Um mundo novo que nos desafia a olhar para o passado, com os pés no presente, para escrever sua própria história e reinventar a cultura.



ENSINAR E APRENDER NO NOVO MUNDO

Ensinar e aprender são dois importantes pilares da civilização. São variadas as formas nas quais o processo de ensino-aprendizagem ocorre:

- em família – habilidades domésticas, ética, civildade, conhecimento cultural, habilidades motoras;
- em comunidade – jogos, dança, música, construção de brinquedos;
- na relação mestre/aprendiz – construção civil, marcenaria, costura, arte;
- na escola – alfabetização, matemática, conhecimento cultural, social e científico, esportes;
- autodidata – desde passatempos à construção de aparelhos eletrônicos.

Esses são alguns possíveis contextos e conteúdos de ensino e de aprendizagem, muitos tão antigos quanto a história humana e outros datando um passado próximo. As novas tecnologias de informação e comunicação têm possibilitado o aprimoramento de formas de ensinar e aprender. Exemplo disso são os canais para estudantes **autodidatas**, que, por meio de vídeos e tutoriais disponibilizados na internet, podem aprender de acordo com o seu ritmo e a sua vontade. O surgimento de formas inovadoras, como o **ensino a distância**, incluiu os ambientes virtuais na relação de contextos possíveis.

Quando o assunto é ensinar e aprender, usa-se uma divisão em três grupos: a educação formal, a educação não formal e a educação informal. A primeira é aquela desenvolvida por instituições próprias, como escolas, liceus e universidades. A educação não formal ocorre em museus, instituições culturais, encontros e cursos livres. E, por fim, a educação informal abrange todas as demais formas, como a educação familiar.

Hoje em dia, as instituições formais continuam aumentando em número. Mas, em boa parte, a formação de uma pessoa também acontece de maneira informal, como as crianças e os jovens que obtêm aprendizados com *sites*, *videogames* e comunidades nas redes sociais. A própria educação formal, atualmente, se apropria de elementos informais – da cultura e do cotidiano dos alunos – para ensinar de forma mais eficiente. E a tecnologia traz facilidades que possibilitam a expansão dos ambientes formais e não formais e, ao mesmo tempo, permite que a informalidade forneça elementos para aprimorá-los.

O ESSENCIAL DA EDUCAÇÃO

As tecnologias podem variar sobremaneira, proporcionando diferentes formas de ensinar e aprender. Entretanto, o elemento essencial da educação permanece sempre o mesmo: o ser humano.

Este é o ponto principal a se considerar ao abordar a educação. Os avanços tecnológicos e descobertas científicas, ao serem levados para o campo educacional, precisam considerar este ponto, sob a pena de, caso negligenciado, não potencialize o desenvolvimento de competências e habilidades.

A chegada dos computadores nas escolas passou (e ainda passa em muitos contextos) por esta questão: como eles podem contribuir com o processo de ensino e aprendizagem. Houve épocas nas quais havia aulas de informática na escola voltadas para ensinar o manuseio dos computadores e o uso de seus recursos. Para as gerações atuais, o uso do computador e dos diversos dispositivos informáticos é algo intuitivo e as tecnologias passam a se entrelaçar a todas as disciplinas, não sendo um recurso restrito ao espaço de uma aula de informática (ainda que esta possa continuar a existir sob um novo paradigma).

Há professores que se valem de *blogs*, *videologs* e redes sociais em suas propostas de ensino. Os alunos podem ser estimulados a produzir fotografias e artes digitais, materiais sonoros, audiovisuais e multimídia por meio das ferramentas digitais, compartilhando, criando redes e dialogando no ciberespaço.

Apesar das críticas, **Iván Izquierdo** defende o uso das ferramentas de busca e pesquisa de conteúdos via internet no âmbito educacional. Com orientação, elas podem ser tão significativas quanto uma pesquisa em uma biblioteca (há, inclusive, sistemas que integram bibliotecas físicas a virtuais). Todavia, o cientista defende que é preciso trabalhar a memória e que, para isso, até mesmo a chamada “decoreba” pode ser estimulada. A repetição também seria, portanto, parte fundamental da aprendizagem humana.

#Iván Izquierdo (1937)

Neurocientista pesquisador da memória argentino radicado no Brasil, professor de Medicina e coordenador do Centro de Memória da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mantém pesquisas e estudos constantes sobre a memória.

#autodidata

Aquele que busca a instrução por iniciativa e esforço próprios, sem a ajuda de mestres.

#ensino a distância

Modalidade de educação mediada por tecnologias em que alunos e professores não estão no mesmo ambiente de ensino-aprendizagem. As aulas podem ser, por exemplo, transmitidas via internet, através de computadores.

Marshall



A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO EDUCACIONAL MODERNO

A educação formal passou por diversas transformações, e a pedagogia, ciência que estuda a educação e os processos de ensino-aprendizagem, se tornou um campo vasto de ideias, práticas e experiências. Vamos conhecer alguns pensadores que marcam sua evolução!

J. H. PESTALOZZI (1746-1827)

– defendia o respeito ao desenvolvimento natural da criança e ao seu conhecimento, enfatizando o papel do amor no processo de ensino-aprendizagem. Determinou as fases de desenvolvimento da infância à vida adulta que estabeleciam igualmente a divisão da educação em etapas. Seu método se baseia na vivência de experiências selecionadas e graduadas.

MARIA MONTESSORI (1870-1952)

– deu ênfase à autoeducação do aluno, às suas individualidade e atividade e à liberdade. Visava uma formação integral do aluno, preparando-o para a vida, em um processo de ensino-aprendizagem voltado para o desenvolvimento criativo desde a primeira infância.

JOHN DEWEY (1859-1952)

– sua proposta pedagógica se fundamenta na prática, em um exercício de democracia e liberdade, fortalecendo o protagonismo dos alunos. Propunha problematizações e ressaltava a importância da experiência para o processo de ensino-aprendizagem. Buscou unir teoria e prática. Influenciou o movimento da Escola Nova no Brasil.

HENRI WALLON (1879-1962)

– sua teoria estabeleceu uma educação integral que considera não apenas o trabalho intelectual, mas também o emocional, o moral e o corporal.

LEV VYGOTSKY (1896-1934)

– estudou profundamente o desenvolvimento intelectual, enfatizando o aprendiz como um ser histórico, social e cultural. Originou a corrente pedagógica do socioconstrutivismo ou sociointeracionismo.

JEAN PIAGET (1896-1980)

– desdobrou-se sobre a pesquisa acerca da aquisição de conhecimento, particularmente pela criança. Estabeleceu quatro estágios de desenvolvimento intelectual infantil que ocorrem do nascimento à adolescência.

B. F. SKINNER (1904-1990)

– grande expoente do behaviorismo, enfatizou o planejamento da educação, pensada sob a ótica do comportamento. Pesquisou a relação dos estímulos externos com a formação e o desenvolvimento dos seres humanos, em que um processo de modelagem (chamado condicionamento operante) engendra a aprendizagem de novos comportamentos.

HOWARD GARDNER (1943)

– sua teoria identificava as aptidões intelectuais como incompletas, não havendo apenas a inteligência, mas inteligências múltiplas: lógico-matemática, linguística, musical, espacial, corporal-cinestésica, interpessoal, intrapessoal, naturalista e existencial.

DAVID AUSUBEL (1918-2008)

– defendia o conceito de aprendizagem significativa, que se fundamenta em considerar os conhecimentos dos alunos e sobre os alunos (seu contexto, história e conhecimento prévio) no processo de ensino-aprendizagem.

PAULO FREIRE (1921-1997)

– defendeu a educação como ato político, no qual a aprendizagem opera como forma de libertação da opressão e de teorias totalitárias. A educação se volta para a “leitura do mundo”, para a conscientização dos alunos quanto à sociedade e seus mecanismos, e ação sobre a realidade, transformando-a. A obra do educador brasileiro tem grande repercussão dentro e fora de nosso país.



QUANTO VALE A EDUCAÇÃO?

Quando pensamos na luta por direitos e por reforma política, uma das principais reivindicações é a educação. Parece estar enraizado em nossa cultura o valor da educação para a sociedade.

O filósofo **Fernando Savater** defende que para sermos humanos não nos basta ser, precisamos aprender. A educação e o convívio social são os processos que nos permitem ser satisfatoriamente humanos. O pensador acrescenta que não se deveria centrar a educação na aprendizagem técnica. O mundo especializado e orientado para o consumo acaba por favorecer este tipo de aprendizagem e enfraquecer o estudo das humanidades (literatura, poesia, arte, história etc.). Com isso, perde-se o valor da educação como formação do humano em função das demandas sociais.

Como diversos pensadores evidenciaram sob diferentes perspectivas, a educação não pode se firmar na mera transmissão de conteúdos ou no treinamento exclusivo das habilidades mecânicas. Ela é fundamental para a formação do ser enquanto humano e de sua vida em sociedade.

A dimensão simbólica da educação permite à criança ir além de seu mundo familiar e estabelecer vínculos que lhe permitirão uni-la ao outro (pessoas de seu contexto ou de outros países e lugares ao redor do planeta). Conforme teorizou **Hannah Arendt**, por meio da educação nos apropriamos da tradição, do legado cultural humano, nos inserimos no mundo presente e seu atual momento histórico. Acrescentemos a proposta de Paulo Freire de dar por meio da educação a consciência, possibilitando agir e transformar a sociedade.

Savater decidiu levar suas ideias ao campo da política principalmente no que se refere ao tratamento dispensado aos professores, que parecem abandonados pela sociedade em quase todos os países. Para o filósofo, o investimento em educação de qualidade deve ser preocupação dos governos. A educação de qualidade é cara, mas é ainda mais caro não prover uma boa educação para crianças e jovens.

#Hannah Arendt (1906-1975)

Filósofa (ou cientista, como ela preferia ser referenciada) política alemã, defendia a liberdade, a igualdade política, a tolerância e o respeito às diferenças.

#Fernando Savater (1947)

Filósofo espanhol reconhecido por seu ativismo nos campos ética, religião, luta contra o terrorismo e defesa da educação de qualidade. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2015.

COMPLEXO!

Savater não é o único a questionar a demanda por especialização em nossa sociedade, isto é, a formação de profissionais orientados por áreas restritas de conhecimento. Em oposição a essa tendência, o pensador **Edgar Morin** propõe o conceito de complexidade.

Se junto à especialização tendemos a ter saberes fragmentados e simplificados, por meio do pensamento complexo são rompidas as fronteiras que separam as áreas do conhecimento. Complexidade é tecer em conjunto. Portanto, um matemático orientado pelo método proposto por Morin não seria restritamente um especialista de números, cálculos, medidas, equações e estatísticas, mas estaria também conectado aos saberes das ciências humanas, de outras disciplinas das ciências exatas e das áreas tecnológicas.

Ao fazer conexões, os saberes são submetidos a processos de incerteza, instabilidade e divergência, mas também proporcionam a abertura à multiplicidade e à diversidade, que engendram, por sua vez, caminhos para a solidariedade.

Visões reducionistas (especializadas) do mundo tendem ao autoritarismo, à busca de eliminação da diversidade em função da supremacia de uma única vertente, conforme tem apontado o sociólogo **Zygmunt Bauman**.

A escola é uma das instituições criticadas por Morin, uma vez que se organiza de forma fragmentada tanto na divisão do tempo quanto dos saberes, separados em disciplinas. O pensador acredita na transdisciplinaridade, ou seja, em um processo de ensino-aprendizagem que considere o diálogo e a conexão entre as disciplinas. Há experiências interessantes nesta direção, como a **Escola da Ponte**, em Portugal.

As novas tecnologias podem ser também uma ferramenta significativa para o pensamento complexo. Entretanto, em uma sociedade permeada de informações, é preciso refletir sobre elas e organizá-las, ou, nas palavras de Savater, “aprender a pensar sobre aquilo que se pensa”. Morin igualmente recomenda manter uma postura crítica sobre o pensar e seus métodos.

#Edgar Morin (1921)

Sociólogo e filósofo francês, conhecido especialmente por obras como *O método* e *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* nos anos de 2008 e 2011.

#Zygmunt Bauman (1925)

Sociólogo polonês, autor de livros como *Amor líquido* e *Modernidade líquida*. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2011.

#Escola da Ponte

É uma instituição pública de ensino na região de Porto, em Portugal, fundamentada no protagonismo dos alunos e na democracia para todos. A escola não tem paredes, disciplinas ou separação dos alunos por série ou faixa etária.

Cada vez se torna mais difícil pensar um contexto educacional que esteja alheio à tecnologia. É importante ressaltar que a tecnologia não é um fim em si mesma, ou seja, não basta estabelecer um processo de ensino-aprendizagem técnico acerca do funcionamento dos aparatos tecnológicos e programas digitais. O papel da educação, conforme afirmam pensadores como Savater e Morin, é o ensino de valores.

A tecnologia seria, portanto, um dos motores da máquina da educação. Esta máquina, para bem funcionar, precisa da interligação de seus vários componentes: comunidade, pais, alunos, professores, funcionários da escola, saberes e tecnologia. Quanto melhor a relação entre as partes, mais rico se torna o processo de ensino-aprendizagem, o desenvolvimento da criatividade e o fortalecimento de valores como democracia, autonomia, liberdade, respeito à diversidade e solidariedade.

Não é exclusividade do século XXI a incorporação da tecnologia no âmbito educacional. O que marca a atualidade é a profusão tecnológica que está adentrando nas diferentes esferas da vida. Em uma escola dos anos 1990, poderia haver computadores nas salas de informática sem que os alunos dispusessem de tais dispositivos em suas casas. O quadro parece estar se invertendo, com mais tecnologia fora do que dentro da sala de aula.

Com isso, se torna cada vez mais urgente pensar formas de conectar as tecnologias ao trabalho pedagógico. Um dos usos que mais amplamente tem sido apropriado pelos professores é a pesquisa na internet. Pesquisar é uma ação pedagógica anterior à era digital, mas ganha nova potência e novos desafios durante esta fase.

Experiências têm explorado o uso de computadores, tablets e até mesmo celulares em sala de aula. Elas incluem *blogs* autorais, individuais e coletivos, produção de vídeos, fotografia e artes digitais, trabalhos interativos e transterritoriais, além de experiências ligadas à robótica, à realidade aumentada e à impressão 3D.

Recursos para potencializar

O acesso à tecnologia está se tornando cada vez maior, mesmo em contextos de baixa renda. Mas apenas a obtenção de tecnologias de informação e comunicação digitais pode ser insuficiente para a apropriação das diversas possibilidades que elas engendram. O que se pode fazer com um *smartphone* além de enviar e receber arquivos e mensagens? Que recursos podem ser utilizados para potencializar a criatividade, a aprendizagem e a produção de conhecimento?

A entrada da tecnologia nas escolas, de acordo com **José Moran**, ocorre em três etapas:

- tecnologias se colocam para melhorar aquilo que já vinha sendo feito na escola;
- tecnologias se inserem parcialmente no projeto educacional;
- os projetos educacionais são repensados a partir dos novos paradigmas tecnológicos.

É sobretudo nesta última etapa que emergem as experiências e pesquisas mais profundas acerca da tecnologia na escola. Situações de aprendizagem extrapolam o espaço e o tempo escolar, uma vez que é possível se conectar em tempo real a diferentes locais e trabalhos podem ser realizados a distância por meio da internet.

Alguns valiosos recursos são:

- as *webquests* – trabalhos e desafios agenciados via internet que impulsionam produções individuais e coletivas que podem envolver tanto o uso de ferramentas digitais quanto entrevistas ou visitas a espaços científicos e culturais;
- mapas e esquemas conceituais – diagramas construídos digitalmente que estabelecem e mostram a relação entre conceitos disciplinares e transdisciplinares;
- tecnologias para comunicação e publicação – escrita, fala e narrativa audiovisual podem ser criadas e publicadas. É possível realizar trabalhos individuais e coletivos, processos colaborativos envolvendo diferentes grupos e trocas de informação e material. Incluem redes sociais, *podcasts*, *sites* de vídeos e plataformas colaborativas.

O desafio não é apenas a utilização dessas ferramentas, mas a promoção de processos participativos e investigativos, independentemente de quão avançada é a tecnologia disponível.

#José Moran
(1946)

Professor, filósofo, pesquisador espanhol, naturalizado brasileiro. Doutor em Comunicação, é conferencista e especialista em projetos educacionais inovadores.

WIKIPÉDIA E A CONSTRUÇÃO

DEMOCRÁTICO DE CONHECIMENTO

Uma das grandes preocupações na era digital aponta para o quanto as novas tecnologias podem colaborar com a construção de uma sociedade mais democrática. Muitos são os programadores, *hackers* e entusiastas que empreendem esforços nesse sentido. Eles criam *softwares* livres e programas com códigos abertos que permitem sua modificação por parte de outros programadores.

No âmbito da construção de conhecimento, o caso de maior sucesso e popularidade é a Wikipédia. Antes dela, era preciso pagar por enciclopédias físicas ou, mais tarde, comprar o CD-ROM de uma. Fundada por [Jimmy Wales](#) e Larry Sanger, a Wikipédia foi concebida como uma enciclopédia digital livre. Isso significa que qualquer pessoa com acesso à internet pode acessar ou enviar conteúdos para o *site*.

Cada conteúdo se reporta a um determinado assunto, tópico ou verbete. Há uma enciclopédia por idioma, com conteúdos próprios em cada língua. O verbete “democracia”, por exemplo, abarca um conteúdo mais extenso em língua inglesa do que em língua portuguesa (aproximadamente o dobro de informação).

Esta diferença entre as enciclopédias de cada idioma se deve justamente ao fato de a construção de conhecimento se dar de forma colaborativa. São as pessoas alfabetizadas no idioma que “alimentam” o *site* com informações (textuais, visuais, sonoras, audiovisuais).

Wales relata que o projeto tomou inspiração na [Biblioteca de Alexandria](#) e tem como meta nada menos do que organizar o vasto legado científico e cultural da humanidade de modo coletivo e democrático em um único lugar, disponibilizando-o de forma gratuita. O ambicioso projeto é algo único na história humana e somente está em andamento graças à potencialidade da internet.

A divisão em idiomas permite que os diversos povos e etnias possam ter representatividade na Wikipédia por meio de sua língua materna – e não apenas do idioma predominante no país. A língua guarani, por exemplo, está lá representada por 3.027 artigos produzidos pelos letrados no idioma.

Na educação, a internet se consolidou como o principal meio de pesquisa dos estudantes. Inicialmente, a Wikipédia não era considerada uma boa fonte de pesquisa por parte dos professores. O quadro vem se modificando aos poucos, graças às constantes melhorias no *site* de língua portuguesa.

Alguns já argumentaram a favor da tradução do *site* de língua inglesa para outros idiomas, por este estar mais completo e apresentar maior rigor acadêmico. Todavia, Wales discorda, pois isso fere o princípio de construção coletiva de cada Wikipédia pelos letrados em seu idioma. Ademais, não há tecnologia de tradução em massa que possa dar conta dessa demanda.

Wales almeja a criação de projetos-pilotos nos quais bolsas de estudos universitárias sejam dadas pela [Fundação Wikimedia](#), vinculando-as à tradução da Wikipédia para seus idiomas.

Ainda que melhorias nos artigos sejam desejáveis, é inegável seu uso em pesquisas realizadas na internet. Este fator impulsionou a criação do Wikipedia Zero, que consiste na negociação com operadoras de telefonia celular para que elas permitam o acesso à Wikipédia gratuitamente. Ou seja, as operadoras que aderem ao projeto oferecem a seus consumidores acesso gratuito e irrestrito ao *site*.

Este projeto tem beneficiado muitas comunidades, especialmente na África, onde o acesso a bibliotecas é restrito e a Wikipédia se consolida como uma significativa alternativa às limitações locais. Houve, inclusive, uma mobilização de jovens sul-africanos que pediram à sua operadora o acesso gratuito ao *site* via celular. Após a entrada da operadora no Wikipedia Zero, os mesmos jovens gravaram um vídeo mostrando os desdobramentos decorrentes da disponibilização do conteúdo.

Em uma internet dominada por anúncios publicitários e ofertas de consumo, a Wikipédia sobrevive e evolui livre de anúncios, interesses particulares e fins lucrativos, contando sempre com a colaboração, mesmo na arrecadação de fundos, dos internautas.

#Jimmy Wales (1966)

Empresário norte-americano de internet e personalidade influente no mundo tecnológico. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2015.

#Biblioteca de Alexandria

Foi uma das maiores bibliotecas do mundo antigo. Fundada no início do século III a.C., durante o reinado de Ptolomeu II, e situada às margens do mar Mediterrâneo, possuía cerca de 700 mil rolos de papiro e pergaminhos.

#Fundação Wikimedia

Entidade filantrópica dedicada a incentivar a produção, o desenvolvimento e a distribuição de conteúdo livre e multilíngue, disponibilizando integralmente ao público projetos baseados em *wiki* de forma totalmente livre.

A REVOLUÇÃO DA ESCRITA

Quando se fala em conhecimento, uma das primeiras ideias que vêm à cabeça da maioria das pessoas é uma biblioteca cheia de livros. Isso se deve ao fato de que, durante séculos, o livro foi a principal ferramenta de conservação de conhecimentos históricos, científicos, artísticos e religiosos da humanidade.

Antes do surgimento da escrita, no período que chamamos de Pré-História, a única maneira de transmitir informações de uma geração a outra era através da fala. Em algumas culturas, esta continua sendo a principal – ou mesmo a única – maneira de repassar aos jovens a sabedoria acumulada pelas gerações anteriores. Não há nada de errado com isso: conhecimentos transmitidos através de histórias e relatos podem ser tão efetivos quanto aquilo que aprendemos através da leitura.

No entanto, esta prática de armazenamento apresenta algumas limitações. Acima de tudo, a memória humana não é infinita, pois há uma quantidade máxima de informações que podemos guardar na mente. Além disso, um indivíduo não consegue se apropriar de todos os conhecimentos existentes. Ele certamente fará escolhas. Imagine o exemplo da filha de um marceneiro que trabalha como agricultora. Ela terá interesse em aprender maneiras de fazer os vegetais durarem mais, mas talvez não ligue para as técnicas de polir a madeira de forma a gerar o máximo de conforto em uma cadeira.

Esses problemas foram solucionados com o advento da escrita. Uma vez registrados no papel, os conhecimentos passaram a ter uma vida útil indefinida: mesmo que a filha do marceneiro não tenha interesse em técnicas de polimento de cadeiras, se estas forem passadas para o papel, ficarão disponíveis para todos os outros marceneiros que vierem depois, e toda a sociedade se beneficiará disso (ou, nesse exemplo, ao menos todos os que passam parte do dia sentados).

Assim, o livro se consagrou como símbolo da revolução da escrita por ser a maneira mais segura de armazenar material escrito por longos períodos de tempo, sendo mais duradouro que papéis avulsos ou pergaminhos – e, acredita-se, até mesmo que arquivos digitais. No entanto, nos últimos anos, outra invenção vem disputando o espaço do livro em nossa cultura. Estamos falando da internet.



DA PERMANÊNCIA À CONECTIVIDADE

Diferentemente do que ocorre com os livros, o principal mérito da internet não é a durabilidade das informações. Pelo contrário: é comum lembrarmos de textos e vídeos que nos interessavam, mas estavam disponíveis em um *site* que já saiu do ar. O grande trunfo da internet é outro: o acesso à conectividade.

Vamos imaginar que a agricultora de nosso exemplo viveu há 200 anos. Caso ela descobrisse maneiras de aumentar a colheita, poderia ensiná-las aos seus colegas. Mas é pouco provável que chegasse a publicar um livro, e seu conhecimento poderia se perder ao longo dos anos. Hoje em dia, ela poderia compartilhar na rede essas informações com agricultores de diversas regiões – algo impensável algumas décadas atrás.

Mas essa praticidade para produzir as informações traz alguns desafios. Em primeiro lugar, a facilidade de acesso reduz o cuidado com o que é publicado. Informações publicadas em livros passavam pelo crivo de editores, revisores e especialistas no assunto. Mas, para publicar na internet, não é exigida nenhuma revisão, e as informações têm maior chance de estar incorretas. Portanto, ao buscarmos informações na rede, precisamos ter cuidado com a credibilidade das fontes antes de tomarmos as informações como verdadeiras. Também há o outro lado da moeda: sabendo que muitas pessoas terão acesso ao que escrevemos, devemos ter responsabilidade ao escrever em *blogs*, *sites* e redes sociais. É preciso ter em mente que somos parcialmente responsáveis pelo uso que as outras pessoas farão das informações que disponibilizamos.

Outro problema da internet é seu potencial de dispersão. É muito fácil nos distrairmos com outros *sites* e perdermos o foco, sobretudo quando navegamos em diversas abas ao mesmo tempo. Essa falta de cuidado amplia a chance de entendermos mal aquilo que estamos lendo.

Esses problemas já existiam antes da internet: livros pouco confiáveis foram publicados inúmeras vezes ao longo da história, e uma biblioteca cheia de livros é um convite à dispersão. Mas, ao aproveitar as facilidades da web, é importante ter consciência desses empecilhos para poder buscar informações da maneira mais confiável possível.



educação e valores

É comum escutarmos o comentário de que um dos principais problemas de nosso país é o nível de educação da população. Há uma justificativa bastante explícita para essa afirmação: parte do que aprendemos na escola, em cursos técnicos e na universidade são habilidades que são levadas para o mundo profissional e, portanto, têm impacto direto na economia. Trabalhadores qualificados fortalecem a economia de um país e abrem caminho para que todos tenham melhores condições materiais de vida.

No entanto, este comentário raramente é utilizado em discussões sobre economia. Na maior parte dos casos, ele é dito quando vemos situações em que as pessoas não cumprem com seu papel de cidadãos, jogando lixo no chão, sendo grosseiras com outras pessoas, desrespeitando regras de convivência etc. Isso também é associado com a educação, porque a escola, além de transmitir informações, desempenha outro papel: o de transmitir **valores** de nossa sociedade.

Alguns estudiosos acreditam que a transmissão de valores deveria ser responsabilidade da família, apontando para alguns problemas dessa faceta de nossa educação ficar a cargo da escola. Eles argumentam que, durante séculos, as instituições de ensino transmitiram não somente valores benéficos para os indivíduos, mas também alguns que beneficiavam apenas os setores mais poderosos da sociedade.

O principal exemplo utilizado é o da submissão, como bem reforçou Paulo Freire: por muito tempo e em diversos lugares, os estudantes foram ensinados a obedecer sem questionar – algo que servia de preparação para a realidade que enfrentariam durante as duras jornadas de trabalho que existiam antes da criação dos direitos trabalhistas. Com o passar dos anos, essa lógica foi sendo transformada aos poucos. Com o conhecimento, o aluno passa a ser livre, expandindo seu universo e se tornando consciente sobre si mesmo e os outros ao seu redor. É assim que a educação contribui efetivamente para a formação dos valores do indivíduo.

#valores

Quando utilizado em seu sentido filosófico, o termo se refere ao conjunto de características que determinam a maneira como um indivíduo se comporta e interage com o meio onde vive.

empoderamento e autonomia

Com as transformações pelas quais o mundo vem passando após a popularização e a democratização da internet, a crítica ao funcionamento das instituições de ensino ganhou novo fôlego. Agora, não é questionada apenas aquela função “doutrinadora”, que ensinava os estudantes a obedecerem sem questionar, mas também a parte do ensino focada na transmissão de informações. Em um mundo em que grande parte das informações está a alguns cliques de distância, ainda existe sentido em reunir jovens em uma sala para memorizarem dados específicos?

O sociólogo **Manuel Castells** é um dos pesquisadores que acreditam que a função das escolas vem se tornando obsoleta. Para ele, em um mundo onde o fluxo de informações é contínuo e está ao alcance de todos, o mais importante

é ensinar aos alunos como buscar informações e verificar a confiabilidade das fontes. “O que precisamos é de critérios para procurar as informações e associá-las em projetos intelectuais, profissionais e pessoais.”

Em outras palavras, os centros de educação não devem focar na transmissão de dados que estão disponíveis para todos e a qualquer momento, mas naquilo que apenas elas podem oferecer: um espaço de discussão qualificada onde os alunos sejam capazes de elaborar maneiras de pensar e de aplicar seus conhecimentos.

Isso é visto por muitos como um processo de empoderamento, ou seja, de transmissão de poder aos alunos. Em vez de obedecer sem questionar, o estudante tem a oportunidade de desenvolver seus conhecimentos de maneira única, o que o torna pensador independente – e com maior poder sobre seu destino e suas escolhas pessoais e profissionais.

#Manuel Castells

(1942)

Sociólogo espanhol e estudioso das instituições de ensino e técnicas de pedagogia. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2013.

educação formal e informal

Você já parou para pensar no que significa um diploma de conclusão do ensino médio ou de uma universidade? Sabemos muito bem que uma pessoa que possui esse diploma detém uma série de conhecimentos, mas também sabemos que ela não adquire esses conhecimentos no momento em que termina o curso ou se forma. O diploma, na verdade, não transmite qualquer conhecimento ao seu portador. O que ele faz é simbolizar os seus estudos e comunicar aos interessados que anos foram dedicados ao aprendizado dentro de uma instituição de ensino – aquilo que chamamos de *educação formal*.

Contudo, há outras maneiras de se obter conhecimentos que não resultam na obtenção de um diploma. Um bom exemplo é o caso das populações de índios brasileiros: eles possuem um vasto conhecimento acerca das propriedades medicinais de plantas nativas, informações a que mesmo grandes especialistas em botânica e medicina não têm acesso. Eles não possuem nenhum papel que prove isso, pelo simples fato de que isso não é necessário em sua sociedade, e seus conhecimentos não se tornam menos relevantes por causa disso. Eles são demonstrados na prática, cuja observação serve também para ensinar outros membros da comunidade – é o que chamamos de *educação informal*.

Como vimos antes, as oportunidades para obtermos educação informal foram muito ampliadas graças à popularização da internet. Podemos encontrar pessoas dispostas a ensinar coisas que nos interessam através de vídeos, textos, aulas virtuais etc., quando, até alguns anos atrás, esse tipo de troca de conhecimentos dependia da proximidade geográfica.

Manuel Castells explica como se divide a aprendizagem dos jovens hoje: a escola, que garante um certificado de que a aprendizagem clássica foi realizada, e a internet, com grupos que também promovem a troca de conhecimentos.

Essas transformações não invalidam as instituições tradicionais de ensino, como colégios e universidades. Na verdade, elas oferecem uma nova possibilidade: aproveitar a reunião de pessoas interessadas em aprender para transmitir conhecimentos que não estão nos currículos escolares, mas que também são importantes para a vida.

proposta de atividade

Para explorarmos de que forma a escola e o nosso dia a dia se conectam, propomos uma atividade que tem o objetivo de ligar o conhecimento formal com o informal. Para isso, a turma pode ser dividida em três grupos e cada um deles ficará com uma área diferente do conhecimento:

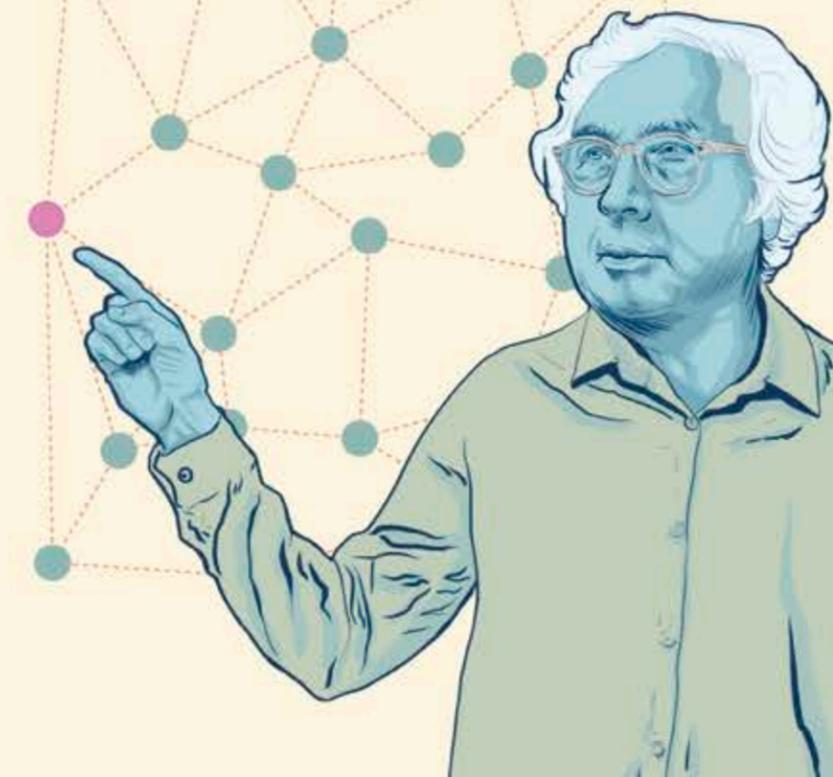
- 1 – linguagem: engloba artes, literatura, línguas, sociologia e história;
- 2 – ciências naturais: composta pela biologia e a geografia;
- 3 – ciências aplicadas: inclui a física, a química e a matemática, além de questões ligadas à informática.

Cada uma dessas áreas traz assuntos relacionados entre si, mas que, muitas vezes, são estudados de formas isoladas na escola através das disciplinas. A atividade consiste em relacionar algum assunto da sua área de conhecimento com algo que você observa no mundo. Não é necessário limitar-se pelas matérias escolares. Encontre formas de conectar, ao mesmo tempo, música e história, futebol e física ou, quem sabe, internet e geografia! Seja criativo, explore, invente, use os recursos à sua disposição. Observe os fenômenos e as histórias do mundo e perceba como eles estão conectados. Mostre aos seus colegas como aprender pode ser divertido.

Cada grupo pode pesquisar em livros ou na internet, conversar com pessoas entendidas no assunto ou mesmo trazer experiências vividas. Os membros do grupo deverão debater esses tópicos entre si, procurando entender como eles se aplicam na prática e se relacionam com os conhecimentos aprendidos na escola. E não tem problema se nem todos entenderem do assunto, o importante é desvendar as conexões que nem sempre notamos à primeira vista. Um verdadeiro trabalho de detetive!

Por fim, o grupo deve montar uma apresentação ou atividade para os demais colegas, compartilhando com eles as descobertas e relações feitas. É interessante, também, sugerir fontes para que os interessados possam se aprofundar no tema. Um bom ponto de partida é contar para os colegas como os membros do grupo obtiveram seus conhecimentos a respeito do assunto abordado.

Divirta-se e bom aprendizado!



PROJETOS EDUCACIONAIS COM TECNOLOGIA

Já falamos muito sobre o potencial da internet enquanto fonte de informações que pode contribuir para a obtenção de conhecimentos. Mas onde pesquisar? “No Google”, você deve ter pensado. De fato, os sites de busca são uma excelente ferramenta. O mais legal de tudo é que eles possibilitam a **serendipidade**: uma palavra complicada utilizada para descrever algo que provavelmente ocorre desde a criação das primeiras bibliotecas.

A utilização de recursos tecnológicos e eletrônicos no ensino não se restringe às pesquisas solitárias. Como dissemos antes, embora os indivíduos tenham cada vez mais acesso à informação por conta própria, as instituições de ensino ainda criam um ambiente único de troca de vivências e conhecimentos. Por isso, há preocupação cada vez maior em encontrar maneiras de aliar as tecnologias à disposição e as técnicas de ensino. Conheça alguns desses projetos:

TELECURSO 2000: é provável que você não se lembre, mas seus primos e irmãos mais velhos provavelmente tenham recordações das videoaulas que eram transmitidas em canais de televisão, repassando conteúdos do último ano do ensino fundamental e do ensino médio. Hoje, pode parecer algo trivial, mas é interessante conhecer este exemplo para lembrarmos que, mesmo antes da invenção da internet e do YouTube, já existiam iniciativas que exploravam a utilização de recursos tecnológicos na educação.

ESCOLA DO FUTURO: é um grupo de pesquisas coordenado pela Universidade de São Paulo (USP). Começou a atuar na utilização de redes eletrônicas para o ensino básico ainda em 1990, tornando-se uma instituição pioneira no País. Alguns de seus projetos incluem o Fast Plant, que propunha que os alunos observassem o crescimento acelerado de plantas em diferentes climas e adubos, trocando informações com estudantes de outros lugares através da internet; o Projeto Sky, que sugeriu observações do céu para uma troca posterior de informações com alunos de colégios no hemisfério norte; e o (Des)encontros de Culturas, que promoveu o contato entre alunos portugueses e brasileiros.

PROJETO GENTE: explora o chamado “ensino híbrido”, que combina aulas em sala de aula com sessões de pesquisa em laboratórios de informática. Iniciado em 2013 em uma escola municipal na Favela da Rocinha, na zona sul do Rio de Janeiro, o projeto exigiu uma reformulação total do colégio André Urani, onde é desenvolvido. Todas as paredes do colégio foram retiradas, e alunos de diferentes idades são agrupados em equipes de acordo com seus interesses e suas características de aprendizado, pesquisando juntos e trocando informações entre si com supervisão dos professores, que apontam eventuais equívocos e auxiliam na busca por materiais de pesquisa e fornecendo exercícios. Uma das missões dos educadores é garantir que, além das pesquisas paralelas, os alunos não deixem de aprender o conteúdo obrigatório dos currículos escolares.

SEU COLÉGIO: sim, leitor, estamos falando do seu colégio! Pense um pouco: que projetos envolvendo as tecnologias de comunicação são desenvolvidos com seus professores e colegas? Se você pensar bem, perceberá que participa de alguns mesmo sem perceber – grupos de conversa no celular ou simples trocas de informações com os colegas nas redes sociais. Gostaria que houvesse mais? Hoje em dia, praticamente todos os alunos têm acesso à internet por ao menos algumas horas no dia. Por que você não se junta com seus colegas para elaborar uma proposta de projeto e conversa com seus professores para ver sua viabilidade? Inovar e contribuir para transformar a educação também é o seu papel!

#serendipidade

Com origem na palavra do inglês *serendipity*, refere-se à descoberta de coisas interessantes quando, originalmente, estávamos procurando outra. Um exemplo perfeito do que acontece quando pesquisamos na internet ou folheamos uma enciclopédia.



Neurociência e educação

Não é apenas a tecnologia que vem ajudando a transformar as técnicas de educação ao redor do mundo. Cientistas de diversas áreas também realizam pesquisas para aprimorar as instituições de ensino e permitir que alunos aprendam mais e melhor. A neurociência vem ajudando nesta tarefa, e uma das profissionais mais renomadas da área, [Susan Greenfield](#), aponta para resultados importantes de pesquisas que unem esta ciência à educação.

Para ilustrar, ela cita um estudo realizado nos Estados Unidos, que observou um grupo de crianças que não estavam se saindo bem nas aulas de matemática. Esses alunos acreditavam que haviam “nascido burras”, como se estivessem destinadas a ter mau desempenho escolar e profissional por toda a vida.

Para a realização do estudo, os pesquisadores selecionaram metade dos alunos dessa turma e lhes deram aulas sobre a “plasticidade do cérebro” – uma teoria científica da neurociência que demonstra que o cérebro se molda às necessidades e aos usos que cada indivíduo encontra ao longo de suas vidas, e que permite que o ser humano se adapte às mais diversas situações. Esta teoria explica que a maneira como pensamos e fazemos as coisas está muito mais relacionada a nosso modo de viver que a pré-disposições genéticas.

O estudo revelou um dado surpreendente: a metade da turma que aprendeu a respeito da plasticidade do cérebro passou a apresentar uma melhor performance na escola. Vale lembrar que, inicialmente, elas tinham um desempenho equivalente aos estudantes da outra metade.

#neurociência

Campo de estudos que une conhecimentos da biologia e da medicina para buscar uma melhor compreensão do funcionamento do cérebro humano.

#Susan Greenfield (1950)

Neurocientista britânica que estuda, dentre outras coisas, a influência do ambiente em que vivemos no funcionamento de nosso cérebro. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2012.

#pré-disposições genéticas

Características determinadas pelo nosso DNA que, em alguns casos, podem fazer com que tenhamos maior ou menor aptidão para determinadas tarefas.

Novas políticas educacionais

Estudos como o citado por Greenfield são importantes porque nos fornecem pistas a respeito do funcionamento do cérebro dos alunos: essas e outras pesquisas mostram que os jovens tendem a ter um maior domínio de seu processo de aprendizagem quando têm plena consciência do que acontece com seus cérebros durante as aulas.

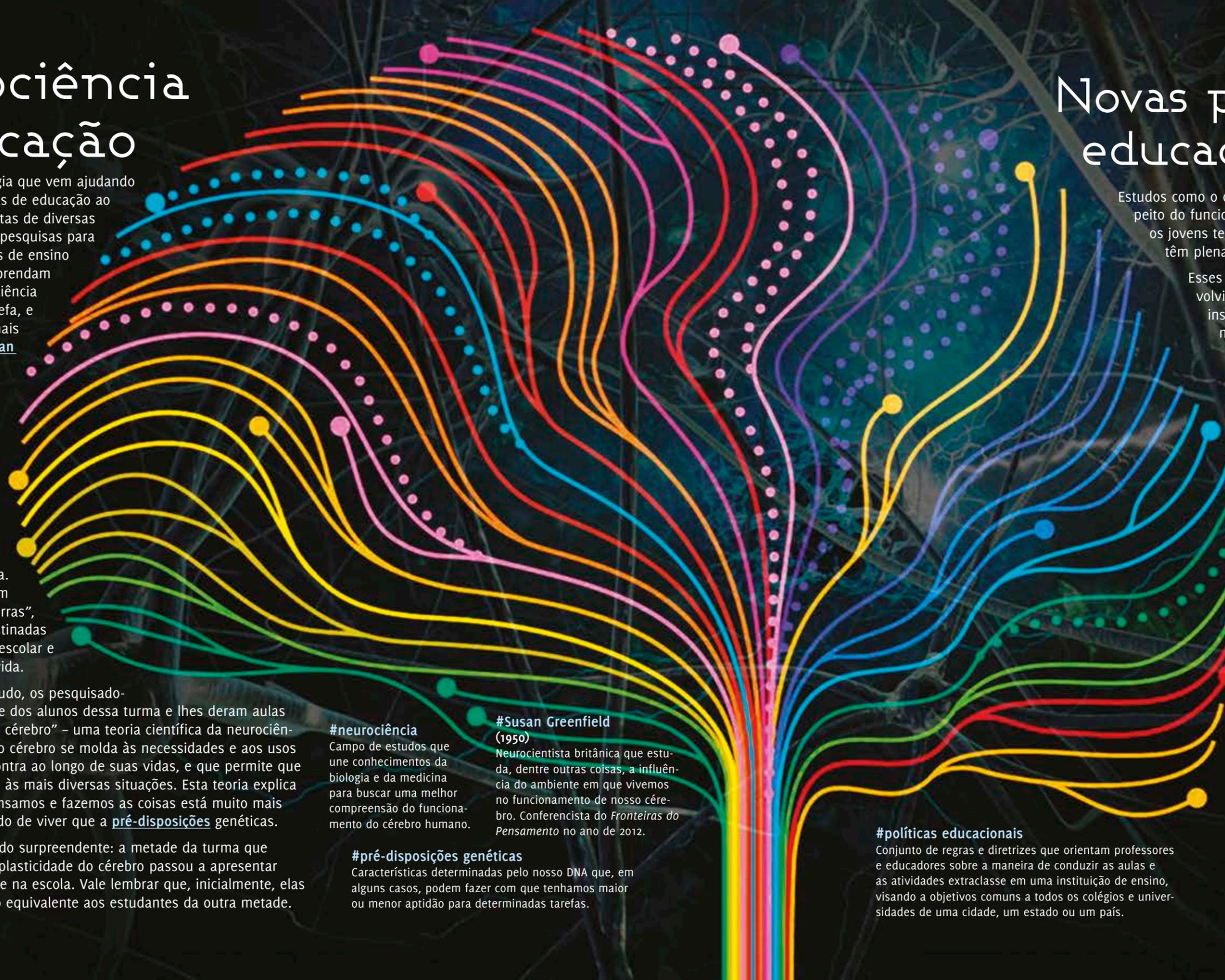
Esses dados são extremamente importantes, porque possibilitam o desenvolvimento de melhores políticas educacionais, o que reflete em todas as instituições de ensino ao redor de nosso país. É claro que cada região tem necessidades específicas – um aluno que vive em uma região rural, por exemplo, tende a se deparar em suas vidas com desafios diferentes daqueles encarados por estudantes dos grandes centros urbanos. No entanto, há certos conteúdos que são fundamentais para todos, e isso é previsto em uma política educacional.

Mas elas não se resumem a esse aspecto: mais importante que definir os conteúdos é estabelecer a maneira como os alunos serão tratados e a abordagem pedagógica que será utilizada em sala de aula. Dizendo em outras palavras, mais importante que *o que se ensina é como se ensina*. Afinal, em tempos em que a informação está ao alcance de todos, a capacidade de aprender e pesquisar é fundamental para todos os cidadãos, e uma das funções das instituições de ensino é preparar os jovens para essa realidade.

Sendo assim, as políticas educacionais emergem como um dos aspectos mais importantes de nossa sociedade. É preciso debater maneiras de lidar em sala de aula com as tecnologias e uma realidade em constante transformação, garantindo que se explore ao máximo as capacidades dos alunos. E a única maneira de fazer isso é conhecendo bem o funcionamento de seus cérebros – daí a neurociência ser tão importante para a educação.

#políticas educacionais

Conjunto de regras e diretrizes que orientam professores e educadores sobre a maneira de conduzir as aulas e as atividades extraclasse em uma instituição de ensino, visando a objetivos comuns a todos os colégios e universidades de uma cidade, um estado ou um país.



A EDUCAÇÃO E O FUTURO

Após tudo o que vimos, não restam dúvidas: a educação vem passando por mudanças irreversíveis. Isso não quer dizer que ela esteja em risco – pelo contrário, o fato de ela estar acompanhando as transformações pelas quais o mundo passa mostra que continua tão relevante quanto sempre foi. Onde houver seres humanos vivendo em sociedade, afinal, sempre haverá a necessidade de aprender e ensinar.

Na verdade, em uma época em que o tempo parece ter acelerado e a inovação é perceptível em nosso cotidiano, as políticas educacionais apontam para um novo desafio: encontrar técnicas pedagógicas capazes de agir não apenas sobre os estudantes, mas também sobre si mesmas, questionando-se e reinventando-se a cada dia. Essa é uma exigência dos tempos atuais. Ao mesmo tempo, é preciso que se estabeleçam critérios para que os colégios não caiam no imediatismo e nas modas passageiras que surgem no campo tecnológico – um risco cada vez mais frequente devido ao crescente fluxo de informações pelo qual somos bombardeados no mundo contemporâneo.

A neurocientista Susan Greenfield também comenta este aspecto da época em que vivemos. Para ela, a tecnologia já não é mais criada exclusivamente para o benefício das pessoas. Ela chegou a um estágio em que tem uma espécie de “vida própria”, e o que se vê é uma inércia por parte da população, que parece resignada a perder tempo com ela – mesmo quando isso não implica nenhum benefício para suas vidas.

Para esta pensadora, a melhor maneira de evitar essa armadilha é a reflexão. Devemos antes pensar que tipo de sociedade queremos ter, para depois analisar de que modo a tecnologia pode ser útil para construí-la. Usando suas palavras, devemos buscar uma maneira de tornar a tecnologia nossa escrava e impedir que o contrário aconteça.

A educação tem um papel fundamental neste processo. É ela que fornece ao ser humano os meios de compreender a realidade onde vive, possibilitando as transformações sociais e o controle de nossas vidas. Se não fosse por ela, estaríamos fadados a ser escravos da tecnologia e das circunstâncias. É graças a ela que temos a chance de sonhar com um mundo melhor e trabalhar para torná-lo realidade.

VOCÊ E O FUTURO

É bem possível que você já tenha sido repreendido por pais, professores ou amigos por passar tempo demais no computador ou por ficar imerso no celular quando há outras pessoas à sua volta. Na hora, ficar *on-line* parece a melhor opção: mas você já parou para pensar se isso vale a pena? Muitas vezes, ficamos presos às redes sociais ou a distrações eletrônicas sem saber por que fazemos isso, como se estivessemos sonâmbulos.

Susan Greenfield se refere justamente a esse fenômeno quando aponta que corremos o risco de nos tornarmos “escravos” da tecnologia. Sentimos uma ansiedade de passar o dia inteiro conectados, mas muitas vezes isso não nos faz felizes. Ou pior: faz com que nos sintamos infelizes sem saber por quê.

Há maneiras de contornar isso, e a melhor delas é pensar no tipo de futuro que desejamos. Você já se perguntou que tipo de pessoa quer ser, que vida pretende levar? Respostas como essas dão trabalho e geram questionamentos durante toda a vida. Mas, se refletirmos constantemente sobre esses temas, as chances de nos sentirmos felizes e realizados são grandes.

Uma pessoa com objetivos – sejam eles profissionais, pessoais, emocionais ou intelectuais – tende a ter um maior controle sobre a sua vida, porque pensa sempre na melhor maneira de utilizar as ferramentas à sua disposição. O próprio celular é um bom exemplo: passar o dia inteiro nas redes sociais sem prestar atenção no que acontece ao nosso redor pode gerar um sentimento de frustração. No entanto, se um de seus objetivos na vida for passar mais tempo com os amigos e as pessoas que você ama, as redes podem ser uma aliada para manter amizades naqueles momentos em que a distância atrapalha.

O seu futuro, portanto, será definido em grande parte pela maneira como você decidir utilizar os recursos disponíveis. Pense no que você quer e reflita sobre o que é possível fazer para tornar isso realidade. Mesmo que nem todos os seus planos deem certo, ao menos você terá a certeza de que está fazendo todo o possível para ter o futuro que deseja – e isso é o suficiente para nos sentirmos no controle de nossas vidas.

Você, que faz parte da “Geração Z”, é sujeito e protagonista do mundo no século XXI, com amplo acesso a todos os caminhos da informação abertos na esfera digital. Os relacionamentos, o conhecimento e a educação ganharam um novo cenário. Isso potencializa os momentos para que você aprenda e aja para melhorar o mundo, em atitudes que vão do seu ambiente familiar à nação, do seu bairro ao globo conectado.

A educação é um dos caminhos para uma existência livre. Combinada com a tecnologia, permite que informação e conhecimento sejam cada vez mais acessíveis e democráticos. Nos tempos atuais, em que a conectividade é real, a internet provoca grandes mudanças e inovações, gerando também um reflexo direto nas escolas: a possibilidade de novos processos de ensinar e aprender.

PATROCÍNIO



GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

PARCERIA INSTITUCIONAL



REALIZAÇÃO

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO